

LUTAS NA ESCOLA

REFLEXÕES E POSSIBILIDADES METODOLÓGICAS

Flávio Py Mariante Neto
Daniel Giordani Vasques
(orgs.)



LUTAS NA ESCOLA

REFLEXÕES E POSSIBILIDADES METODOLÓGICAS

Flávio Py Mariante Neto
Daniel Giordani Vasques
(orgs.)

2024

LUTAS NA ESCOLA REFLEXÕES E POSSIBILIDADES METODOLÓGICAS

Flávio Py Mariante Neto
Daniel Giordani Vasques
(orgs.)

2024

Diagramação e revisão final: Grupo de Estudos Sociais em Educação Física,
Esporte e Lazer – GESOE – UFRGS – CNPq.

Imagem da capa:

sithara – <https://pixabay.com/pt/photos/retrato-boxe-crian%C3%A7a-boxer-5620461/>

A presente obra encontra-se sob os direitos da Creative Commons 4.0
Atribuição-Não Comercial-Sem Derivações – CC BY-NC-ND



M3331 Mariante Neto, Flávio Py (org.)
Vasques, Daniel Giordani (org.)

Lutas na escola: reflexões e possibilidades metodológicas / Flávio Py
Mariante Neto; Daniel Giordani Vasques (orgs.). – Porto Alegre, RS:
GESOE, 2024.
144 p.

ISBN 978-65-00-90788-9

1. Lutas. 2. Escola. 3. Educação Física.
I. Mariante Neto, Flávio Py. II. Vasques, Daniel Giordani. III. Título.

UFRGS

CDD: 796
CDU: 134.3 (81) 000.891

Capítulo 5

A dimensão atitudinal no ensino de lutas na escola partir de uma reflexão sobre a ética¹⁴

Flávio Py Mariante Neto
Daniel Giordani Vasques

Introdução

A temática do ensino das lutas é recorrente em diversos estudos, reflexões e propostas de vários autores no contexto da educação física escolar (LOPES; KERR, 2015). Isso se justifica pelo fato de que esse conteúdo integra o conjunto de elementos pedagógicos a serem abordados durante o processo de formação do educando. Além disso, a aquisição de técnicas dos esportes de combate possibilita a expansão de gestos técnicos que não estão presentes nos esportes considerados "tradicionais", tais como o futebol e o voleibol.

O trabalho com esse conteúdo, assim, apresenta proficiência e vantagens corporais e simbólicas do ponto de vista de sua aplicação no contexto escolar. As formas de seus gestos técnicos são um convite a outra percepção corporal e simbólica por parte do aluno em relação às possibilidades de movimento. Essa riqueza pedagógica dá ao professor mais possibilidades e aumenta as condições de aprendizagem discente

Tradicionalmente, há, segundo Rufino e Darido (2015), dificuldades de inserção desse conteúdo por duas razões: a falta de formação específica em lutas do professor da escola, e um preconceito relacionado à temática, que relacionaria as lutas à violência. A partir dessas reflexões, esses autores apresentam uma proposta metodológica de ensino de lutas na escola que se distancia da proposta por modalidade. Assim, os professores de escola não teriam que ser

¹⁴ Uma versão aproximada desse capítulo foi publicada como artigo científico na revista Cadernos de Formação RBCE. Este texto está no prelo.

especialistas em boxe, caratê ou judô para conseguir desenvolver seu trabalho. Essa metodologia dá a possibilidade de incluir elementos das lutas a partir das distâncias entre seus partícipes (GONZALEZ, DARIDO e OLIVEIRA, 2014). Deste modo, os praticantes teriam vivências dos movimentos de luta a partir de elementos básicos de lutas de curta distância, média distância, longa distância e distância mistas¹⁵.

Porém, se por um lado, essa proposição adquire um viés de mudança nas atividades e amplifica o compósito de elementos trabalhados na Educação Física escolar no que diz respeito aos saberes corporais, também se deve ter cuidado em refletir sobre as possibilidades atitudinais do ensino de lutas. Tradicionalmente o ensino das lutas traz consigo valores e conceitos filosóficos atrelados a sua prática.

Igualmente, a educação contemporânea demonstra uma preocupação com as questões sociais que perpassam o ensino dos conteúdos na escola. Afinal, não se defende uma educação conteudista, tampouco um ensino em que os significados sejam pouco relacionados com a crítica social. Nesta perspectiva, o documento regulador BNCC (BRASIL, 2017) apresentou alguns temas transversais, que devem ser trabalhados nas disciplinas do currículo. São eles: ética, saúde, meio ambiente, orientação sexual, trabalho, consumo, pluralidade e cultura.

Para o presente trabalho, escolhemos tratar especificamente do tema transversal “ética”. Sobre essa temática, há um grande número de conceitos, possibilidades analíticas e reflexões. Muitas áreas de conhecimento, como a filosofia e a história apresentam teorias e debates sobre o conceito. Entretanto, por ser um trabalho relacionado à escola e inserido em um contexto de intervenção pedagógica, optamos por conceituar a ética a partir da BNCC (BRASIL, 2017).

¹⁵ Nesta proposta metodológica, a referência é a distância entre os oponentes. Nas lutas de curta distância, os indivíduos estão bem próximos e utilizam técnicas de quedas e imobilizações; na média distância, há a inclusão de golpes traumáticos, como socos e chutes; e na longa distância, são usados implementos, como bastões ou espadas.

Este documento defende que a ética está envolvida na reflexão sobre elementos como equidade, solidariedade, cooperação e repúdio às injustiças sociais.

Ademais, em documento sobre essa temática, os autores defendem que a ética é um constructo social que se transforma temporal e contextualmente. Deste modo, os padrões éticos de comportamentos adquirem novos formatos na medida em que se situam em uma época histórica específica e, dentro de um mesmo período, também são construídos valores de acordo com as diferentes culturas.

Por exemplo, no Brasil, houve uma transformação substancial nos últimos anos sobre questões como racismo, machismo e homofobia. Há um aumento da sensibilidade social em relação a estes termos, o que suscitou o crescimento das reflexões e debates sobre esses temas. A partir disso, esses elementos devem ser apresentados e discutidos em uma educação preocupada com a transversalidade. Resumindo, a ética atual traz os elementos apresentados como um escopo de discussões que devem ser debatidas no processo pedagógico.

A partir dessa definição e da possibilidade das lutas serem um conteúdo que possibilita análises em torno da temática, o intuito desse artigo é refletir e debater sobre o tema transversal “ética” a partir de um projeto de intervenção com o conteúdo lutas na Educação Física escolar.

Procedimentos metodológicos

O artigo se caracteriza como uma pesquisa-ação (BETTI, 2009; TRIPP, 2005), que tem por objetivo a construção de conhecimentos para aperfeiçoar a prática pedagógica. Mais do que isso, essa metodologia objetiva uma transformação no espaço de estudo, na medida em que fornece subsídios teóricos e de intervenção que podem suscitar mudanças sociais e pedagógicas no contexto estudado.

No caso em questão, tratou-se de estudar a ética no ensino das lutas na Educação Física escolar. De maio a julho de 2022 foram ministradas sete aulas para quatro turmas de 8º e 9º anos do Ensino Fundamental de uma escola pública federal. As aulas foram planejadas pelo coletivo de pesquisadores e foram conduzidas por um dos autores do texto, professor da escola.

Os dados foram produzidos por meio de observação participante e da elaboração de 14 diários de campo, os quais eram gravados oralmente e, após, transcritos. A confecção dos diários se deu em torno dos interesses iniciais da pesquisa, que tratavam da proposição do ensino de lutas, e dos estranhamentos do pesquisador. Cabe ressaltar que o professor tinha relativamente pouca vivência com lutas e com o ensino de lutas, mas que, ao mesmo tempo, era docente da instituição há mais de quatro anos, reconhecido pelos estudantes e com experiência na Educação Física escolar.

Assim, os estranhamentos foram produzidos frente ao que lhe era familiar; no caso, a escola e a Educação Física escolar. Além disso, perante o que lhe era um pouco mais distante, no caso, as lutas. A produção dos dados se deu, portanto, com base nas sensibilidades percebidas no ‘chão da escola’. Os protocolos dessa pesquisa foram aprovados pelo Comitê de Ética para pesquisas com seres humanos.

Os dados foram organizados do seguinte modo: foram construídas três categorias empírico-analíticas com base nos diários de campo e nas sensibilidades da prática docente, as quais estão em diálogo com a discussão sobre ética. Assim, o tópico a seguir descreve cenas e percepções do “chão da escola” e busca refleti-las em torno da ética enquanto tema transversal.

Resultados e discussão

O texto a seguir está dividido em três categorias empírico-analíticas. Foram extraídos trechos de diários de campo que, ao serem analisados, foram agrupados em três categorias: a) Controle das emoções; b) Lutar no contexto das lutas; e c) Comportamento em grupo.

Controle das emoções

A proposição do conteúdo de lutas gerava apreensões nas relações pedagógicas das aulas. O professor buscava se precaver de reclamações de pais e gestores da escola que pudessem entender que estávamos ensinando os estudantes a brigar. Para isso, fazia sentido distanciar os conteúdos ali propostos da noção de “briga”. O controle das emoções foi uma estratégia docente, baseada numa interpretação do esporte como espaço de excitação (ELIAS; DUNNING, 2019), para distinguir o ensino de lutas como um espaço de um descontrole controlado. O diário a seguir explica essa intencionalidade docente.

A questão das emoções chama muita atenção. O meu discurso foi no sentido de que a luta demanda do lutador um controle emocional muito grande, e eu fiz esse discurso, para as turmas, de que o ódio, a raiva, a impulsividade, não podem ser muito utilizados nas lutas, por que o lutador tem que saber a hora certa de atacar e de se defender. Então, o controle sobre suas emoções e impulsos tem que ser muito grande. [...] Nas minhas palavras na aula, é uma espécie de jogo dentro de certas regras onde os lutadores têm que saber o momento certo de agir para ganhar. Essa lógica desconstrói a ideia de que o lutador é impulsivo. No meu discurso, eu citei que, ao contrário disso, o lutador deve ter um equilíbrio emocional que dê conta de ele saber o momento exato de agir e de recuar. Nesse sentido ainda, falei que, afora algumas exceções, quem treina luta raramente briga porque sabe controlar suas emoções. (Diário de campo, 19 mai. 2022)

Controlar seus impulsos, suas pulsões, de modo geral, as suas emoções mais instintivas, parece ser necessário para a construção de uma determinada ética do agir adequada aos valores humanos e de uma sociedade democrática com vistas ao respeito e cuidado com os demais. Ainda que o ensino de controles e autocontroles possa ser visto como uma forma de domesticação, não parece estranho observar que, nos tempos contemporâneos, a desregulação e a evocação por

certa liberdade têm se tornado bandeiras de movimentos neofascistas que utilizam a violência como estratégia de disputa de poder. Em oposição, com vistas a uma educação humanista e libertadora se faz necessário controlar e limitar a violência.

Além disso, ao debater sobre os controles sociais, o professor faz um discurso que se coaduna com o que apregoa os documentos que debatem a ética apresentados no início desse trabalho (BRASIL, 2017). O intuito de refletir sobre os controles das emoções evoca uma percepção de que nem todos os impulsos (ELIAS; DUNNING, 2019) podem ser satisfeitos. Se o comportamento deve ser refletido e debatido na perspectiva da ação pedagógica, as lutas apresentam um potencial latente de entendimento que os controles são necessários, desde que sejam entendidos e refletidos pelos discentes.

Lutar no contexto das lutas

O ensino das lutas fora da escola tem, de modo geral, um cuidado muito grande para que os lutadores não utilizem as técnicas e estratégias aprendidas ali em outros espaços e com pessoas que não estão preparadas. Afora intencionalidades relacionadas à noção de defesa pessoal em casos que esta se faz necessária, o ensino das lutas é formado por certa ética que ensina a não utilizar tais golpes fora do espaço adequado de lutas. O trecho de diário de campo a seguir mostra como esse ensinamento perpassou as aulas.

Todas as lutas são ensinadas com base nesses dois princípios: o princípio primeiro de que aquelas técnicas e estratégias que se aprendem na aula de lutas, no treino de lutas, só podem ser empregadas, utilizadas, dentro do contexto das lutas. Isso vale para a nossa aula de Educação Física, onde as técnicas e estratégias aprendidas na aula só podem ser utilizadas na aula, em um contexto de igualdade de chances, com controle dos golpes e com respeito ao corpo dos colegas, o corpo que está disponibilizado por cada um ali para o aprendizado do outro. Então, respeito ao corpo do colega é um princípio muito importante. (Diário de campo, 19 mai. 2022)

Ainda que haja, ocasionalmente, notícias de lutadores brigando em outros espaços sociais, como festas e bares, esse comportamento é, de modo geral, rechaçado pelos mestres e professores de lutas, não raro com a expulsão ou exclusão desses lutadores de academias de lutas e de competições. A preocupação é que tais comportamentos acabem por distorcer os sentidos contemporâneos normalmente atribuídos às lutas.

Cabe destacar que as aulas transcorreram sem nenhum episódio de violência ou de machucados, e que isso se deve, na nossa interpretação, muito em vista dos acordos firmados com base nesses princípios entre professor e estudantes. Assim, é possível afirmar que o estabelecimento de acordos pedagógicos, para além de fortalecer os laços educativos, fez, no caso em tela, com que os estudantes se sentissem parte do processo pedagógico, o que possibilitou aprendizados significativos.

Ressalta-se, além disso, que as lutas podem ser um vetor de discussão sobre as diferenças entre esportes ‘de contato’ (RUFINO e DARIDO, 2015) e a violência. Dentro de uma ética da violência (ELIAS, 1994), pode-se inferir que há um aumento da sensibilização social em torno dessa temática. Desta forma, as lutas possibilitam uma separação entre esportes que têm o contato entre os praticantes como um dos elementos de sua dinâmica e episódios de agressividade gratuita e descontextualizada.

Assim, se Wacquant (2002) apresenta uma “etiqueta da violência”, mostrando que mesmo em ambientes de esportes de combate, como o boxe, o contato é determinado a partir de uma lógica – ou ética – de comportamento a partir de acordos tácitos e determinados pelo grupo, essas reflexões podem ser exploradas pelo professor a partir do trabalho com lutas.

Comportamento em grupo

A terceira categoria se diferencia das demais, já que não trata especificamente das aulas de lutas ou da Educação Física. Ao mesmo tempo, ela se entrelaça com as demais porque se trata dos mesmos

estudantes, e das observações feitas e anotadas pelo professor na mesma escola durante o período em que transcorriam as aulas de lutas. O diário a seguir relata furtos que sucediam na escola.

Estamos vivendo uma época em que estão tendo muitos relatos de furto na escola, de alunos furtando coisas, então, os alunos querem deixar as mochilas à vista [durante as aulas], estão sempre com celulares na mão, no bolso. Eles têm medo que os colegas ou pessoas de outras turmas furtarem [...], tanto no sétimo ano quanto no oitavo e nono anos são diversos relatos [...] e a gente está tentando entender porque isso está acontecendo. Me parece que a crise financeira é um motivo bastante importante. Quem sabe, enquanto país, enquanto sociedade, me parece também que voltamos a uma realidade presencial onde valores éticos e morais talvez estejam se reconstruindo. Pode-se imaginar que durante esse período de isolamento as éticas de comportamento exigidas em casa são diferentes das éticas e comportamentos exigidas em ambientes sociais como a escola, por exemplo. Então parece que essa área de valores, de ações e de atitudes é bastante importante nesse retorno à presencialidade. [...] Falar de questões atitudinais como controle das emoções e também de cuidado e respeito com o outro, e com as coisas do outro, são questões fundamentais. Além disso, [...] a escola está tratando esse retorno à presencialidade [...] como se fosse um retorno ao ano anterior à pandemia, como se alunos e professores estivessem preparados para essa anormalidade pandêmica, quando, na verdade, uma série de questões de saúde mental e uma série de questões atitudinais foram transformadas nesse período. Assim, precisamos saber conviver em grupo novamente. (Diário de campo, 13)

O afastamento de quase dois anos da escola, o empobrecimento da população e a política de pedagogia armamentista e violenta que ascendeu ao poder no País geraram uma série de desajustes no retorno à presencialidade, que a escola teve dificuldade

em lidar. O trecho de diário de campo a seguir segue a reflexão e os exemplos do campo.

Parece que os estudantes têm “questões de comportamento”, sendo que eles perderam ou não aprenderam em alguma medida durante esses dois anos em casa, as regras e as normas de etiqueta e comportamento na escola e compromisso social e de comportamento na escola. Então, eles estão testando os limites, eles estão descobrindo, eles estão descumprindo determinada regra, porque eles precisam ser educados para tal. Ficar dois anos longe e distante em alguma medida do convívio social faz com que a gente se afaste também das regras, normas e etiquetas de comportamento. Parece que isso também é uma das causas daquilo que a gente chama de mau comportamento, da bagunça ou da falta de silêncio durante as aulas de educação física. (Diário de campo, 17)

Em alguma medida, atuar com lutas na Educação Física foi uma forma de tensionar os comportamentos, a ética, nesse período de retorno à presencialidade na escola em que os comportamentos desviantes chamavam a atenção. Os dados mostram a necessidade de lidar com o aprendizado dos comportamentos. Longe de cercear as liberdades das juventudes e críticos às dificuldades enfrentadas pela escola nesse período, entendemos que a atuação pedagógica demanda olhar para os comportamentos.

Aqui, pode-se notar uma dinâmica específica da volta de uma realidade de pandemia que acometeu professores e estudantes durante a feitura desse trabalho. O que queremos inferir é que as aulas de educação física e o trabalho com as lutas possibilitaram a reflexão e a construção de um *habitus* (ELIAS, 1997) que fora desenvolvido através dos anos e que foi transformado pelo processo pandêmico.

Assim, o envolvimento e a convivência com o grupo foram desfeitos a partir de uma dinâmica social de ruptura e de separação. Ao voltar para o contexto educacional, os alunos passaram por uma retomada das relações coletivas e presenciais.

Considerações finais

Este artigo teve o objetivo de debater sobre o tema transversal ética em um projeto de pesquisa de intervenção com lutas na Educação Física escolar. Aprendemos, ao longo do desenvolvimento da pesquisa, que as idiossincrasias do conteúdo facilitam o fortalecimento da temática na medida em que produz empiricamente uma série de situações que resultam na discussão ética.

Nós aprendemos, também, que a proximidade física das lutas produz uma proximidade simbólica. Não há, nesse tipo de prática, uma mediação entre os partícipes; o corpo do colega é o alvo e o vetor de aprendizagem. Assim, ao mesmo tempo em que o contato é necessário e faz parte da dinâmica das lutas, a aprendizagem só é possível por uma disponibilidade física do opositor.

Especificamente sobre a ética, concluímos que as mudanças sociais tão difundidas nos debates teóricos se materializaram em situações práticas no labor do professor de Educação Física. As lutas ampliaram as possibilidades de discussão de transversalidade. Questões como (auto) controle, contextualização das ações e convivência em grupo apareceram com frequência.

Por fim, sobre as limitações de nossa pesquisa, propomos mais trabalhos que tentem entender a relação entre as lutas e outros temas transversais, assim como artigos com um número maior de turmas e de participantes. Assim, consideramos as discussões ainda em caráter embrionário. Longe de tentar dar respostas, a nossa intenção foi suscitar um debate em torno de uma área com tanta potencialidade.

Referências

BETTI, Mauro. Educação Física escolar: ensino e pesquisa-ação. Ijuí, RS: Ed. Unijuí, 2009.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretária de Educação Básica. Diretoria de Currículos e Educação Integral. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, DF: MEC, 2017.

ELIAS, Norbert. O processo civilizador. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

ELIAS, Norbert. Os alemães: a luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric (org.). A busca da excitação. Lisboa, Portugal: Edições 70, 2019.

GONZÁLEZ, F.; DARIDO, S. C.; OLIVEIRA, A. B. Lutas, capoeira e práticas corporais de aventura. Maringá: EdUEM, 2014.

LOPES, Raphael Gregory Bazílio; KERR Tiemi Okimura. O ensino das lutas na Educação Física escolar: uma experiência no ensino fundamental. *Motrivivência*, v. 27, n. 45, p. 262-279, 2015.

RUFINO, Leandro. DARIDO, Suraya. O ensino das lutas na escola: possibilidades para a educação física. Porto Alegre: Penso, 2015

TRIPP, David. Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. *Educação e Pesquisa*, v. 31, n. 3, p. 443-466, 2005.

WACQUANT, L. Corpo e alma: notas etnográficas de um aprendiz de boxe. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.